



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. 1 nov. 2019-abr. 2020

p. 245-256.

Quanto mais me sinto, mais vejo que sou flor e ave e estrela e universo: histórias de Tieta, uma travesti que se fez em trânsitos

Danillo Bitencourt Santos¹

Marcos Lopes de Souza²

RESUMO: Hora do embarque. A nossa movimentação é um passeio pela *travestilidade*. Convite feito. De início, algumas travestis não quiseram ir conosco, pois estavam insatisfeitas com a forma que a academia realizava suas pesquisas com elas. O medo e a descrença pela pesquisa tomaram conta de meus pensamentos. Pensei em zarpar, mas alguém, já na saída, nos deu a mão. Ela veio conosco. Com carão, com coragem, pegando carona. Ela. Tieta. Expulsa de casa pela mãe por conta da descoberta de um romance com o pároco da Igreja de Jesus, Maria e José da pequena Quixadá, no Ceará, Tieta seguiu viagem. Numa encruzilhada, na boleia, chegou a Vitória da Conquista, no interior da Bahia, cidade em que mora este aqui, corresponsável pelas futuras linhas que irá transitar. Esta é, portanto, uma história sobre migração, identidades, gênero, etnicidade e pertença de grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. *Travestilidades*. Migração.

Abstract: Boarding time. We would like to take you on a journey to the world of *travestilidade*. Making an invitation. At first, some *travestis* did not want to join us because they were displeased with how academia had previously conducted research on them. The fear and disbelief concerning academic studies took hold of my thoughts. I considered sailing away. However, someone gave us a hand as we were about to leave. She came along. Bold and courageous, she was in for the ride. She. Tieta. Kicked out of her house by her mother because someone found out about her romance with the parish priest of the Igreja de Jesus, Maria e José in the small town of Quixadá, state of Ceará, Tieta hit the road. In a short ride at the crossroads, she arrived in Vitória da Conquista, a city situated in the countryside of Bahia where this fellow writer in charge of the lines yet to come. This is a story about migration, gender, ethnicity and sense of belonging.

Keywords: Identities; *Travestilidades*; Migration.

Resumen: Hora del embarque. Nuestro movimiento es un paseo por la *travestilidade*. Invitación hecha. Al inicio algunas travestis no quisieron acompañarnos, pues estaban insatisfechas con la forma con la cual la academia realizaba sus investigaciones con ellas. El miedo y la incredulidad por la investigación se apoderaron de mis pensamientos. He pensado en desistir, pero alguien, ya en la salida, nos dio la mano. Ella vino con nosotros. Atrevida, con coraje, haciendo dedo. Ella. Tieta. Expulsa de casa por la madre, por el descubrimiento de un enamoramiento con el pároco de la Igreja de Jesús, María y José, de la pequeña Quixadá, en Ceará, Tieta siguió viaje. Y, en una encrucijada, haciendo dedo, llegó a Vitória da Conquista, un pueblo de Bahía, ciudad donde vive este aquí, corresponsable por las futuras líneas que va a transitar. Por lo tanto, esta es una historia sobre migración, identidades, género, etnicidad y pertenencia de grupo.

Palabras clave: Identidades. *Travestilidades*. Migración.

¹ Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidades pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Jequié/BA. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UESB. Atuou como coordenador de políticas LGBT do estado da Bahia, e da prefeitura de Vitória da Conquista/BA. E-mail: danillobittencourtsantos@gmail.com

² Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Licenciado e bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP). É professor titular do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da UESB, *campus* Jequié/BA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UESB. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPG-REC), ambos da UESB, *campus* Jequié/BA. E-mail: markuslopesouza@gmail.com

Recebido em 31/08/19
Aceito em 11/11/19

1. Primeira parada: onde estamos

Era domingo. Estávamos num ônibus coletivo, no sol forte de meio-dia, em direção à zona rural de Vitória da Conquista, no povoado de Campinhos. Lá, iríamos encontrar com algumas travestis da cidade e comemorarmos juntas/os o aniversário de Tieta, travesti cearense que há 25 anos migrou do Ceará, da terra da Galinha Choca, como carinhosamente se conhece Quixadá, para a Bahia, transformando Vitória da Conquista em sua terra.

Aqui é meu lugar, bicha. Já tenho casa, amigos e até título de eleitor. No Ceará ficou minha família. Tenho saudades. Mas é aqui o meu lugar. Cidade boa de se morar. E aqui no Campinhos, melhor ainda. Já conheço todo mundo. Mas claro, quem não conhece esse arraso de travesti que sou. (Tieta)

Conheci Tieta em dezembro de 2011. Aconteceu bem após a institucionalização da política para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) na prefeitura municipal, na época em que eu estava à frente da Coordenação de Políticas LGBT. Planejamos uma atividade para conhecer a comunidade LGBT da cidade e organizar nossa ação de visibilidade trans “Dentro de mim! Seja qual for seu gênero, Conquista respeita a sua identidade”. A ideia era ouvir as inúmeras histórias das pessoas trans da cidade e, nesse escutar, fugir das histórias negativas, que negligenciam as muitas outras narrativas que formam o universo da *travestilidade*.

Nesse escutar de histórias, algo me chamou a atenção. Dentre as pessoas que participaram do evento, encontramos 17 que se identificaram como travestis, reforçando a maior presença dessa identidade em relação às outras transgeneridades. Berenice Bento (2006) explica que a transgeneridade, que alegam sempre ter existido, não é a mesma que tem sido relacionada ao espaço hospitalar e à discussão da identidade de gênero disfórica. Na esteira de Judith Butler (2003, p. 4), para tratar sobre transgeneridades, “temos de ir além de tipos de posições estruturais”, uma vez que se coloca em dúvida que toda criatura aparentemente fêmea, biologicamente, tenha de ser convertida socialmente numa mulher.

O que levou essas meninas, como carinhosamente as identifico, a trocar a terra natal por nossa cidade? E, nesse percurso migratório, quais posições de sujeito são assumidas e abandonadas por essas meninas na (re)construção de suas identidades étnica e de gênero? O que esses deslocamentos me provocam também, haja vista minha vivência pessoal com essas mudanças de



idades e contato com os outros? Quais as similaridades desses deslocamentos para nossas construções identitárias? Seria a migração um caminho de (re)existência identitária das travestis?

O tema das migrações é, com certeza, uma das questões mais presentes no mundo contemporâneo, seja nos campos econômico, político e cultural, seja no campo acadêmico. Isso é justificado não apenas pelo enorme contingente de pessoas em fluxo ou que vivem em locais nos quais não nasceram, mas também pela dramaticidade e pelas tensões vividas por migrantes e deslocados/as de várias origens, seja em suas tentativas (nem sempre bem-sucedidas) de ingressar num local de destino, seja para nele permanecer. As migrações, mais do que um fenômeno econômico, consistem em uma polissemia de significados.

Significados esses que se entrelaçam nessa teia de relações que vamos traçando em nossa caminhada. São rotas, de-rotas, mudanças de rotas. Ao falar de trajetórias, estaremos sempre nos remetendo à ideia de se deslocar. No nosso caso de estudos no campo das etnicidades, falamos das fronteiras, perpassadas pelos processos migratórios. Migração e mobilidade são fenômenos constituintes da experiência contemporânea. Estar no mundo, hoje, é conviver com a mobilidade e a migração, além de todas suas implicações. Do ponto de vista existencial, essa é uma experiência desconcertante, em que as referências espaciais e socioculturais são reconstituídas, num processo que envolve e atinge o próprio cerne da autoidentidade a partir das identificações.

Não só a sexualidade em um nível individual, mas cidadão: ao mover-se de uma cidade para outra, indivíduos e comunidades sexuais são conformadas e inseridas no contexto urbano de diversas maneiras. Neste processo de conformação e inserção, não apenas sexualidade e gênero, mas também outras categorias identitárias e classificatórias estariam envolvidas: classe, raça, religião, etnia, ideologia. Assim, a migração proporciona diversas (às vezes concorrentes e também coincidentes) perspectivas para entender por que indivíduos deixam suas cidades em direção a outras, em movimentos de múltiplos resultados. (TEIXEIRA, 2005, p. 25)

2. Segunda parada: caminhos já navegados

Quando comecei a estudar sobre migração, fui questionado o porquê de meu interesse em falar sobre deslocamentos, fronteiras, caminhos. De imediato, respondi: “Sou uma pessoa em trânsito”. Assim como Tieta. Ao ouvi-la narrar suas estradas, imaginava as que eu também percorri. Afinal, somos todos viajantes de uma jornada cósmica – poeira de estrelas, girando e



dançando nos torvelinhos e redemoinhos do infinito. A vida pode ser eterna. E nós, quem sabe? Mas uma coisa já sabemos: suas expressões são efêmeras, momentâneas, transitórias.

A nossa rota nessa trilha-travesti, nessa navegação entre o vazio e o que transborda, nos mostrou algumas direções. Há ventos que nos cortam, ventos-migrantes, ventos-de-gênero... Vamos inventando o vento que nos venta. É vento que cria, elabora, descobre, arquiteta, trama e fantasia. São esses ventos que também nos impulsionam e nos levam à frente na rota, na trilha, na direção. De acordo com os anseios, desejos, sonhos que sopram do/a pesquisador/a-navegante: ver quais barcos já navegaram e ancoraram nas discussões entre *travestilidade* e migração e, mais ainda, o que esses barcos trazem sobre essas tripulantes-travestis em suas fronteiras étnicas e de gênero. São dois ventos que têm seus caminhos, mas que se cruzam, se entrelaçam, refrescam a minha mente.

O barco, ainda no porto, balança. Há uma grande confusão, todos/as passam com pressa, empurram-me e gritam. Em seus rostos: medo, desespero e esperança. A buzina soa. Grande correria. Entro no barco e me seguro no mar de gente. Com essa gente-travesti-migrante, coloco meu barco para experimentar outros mares: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO). Sabe o que encontrei? Seguindo a direção dos ventos-travestis, entre os anos de 2000 a 2016, deparei com 420 tesouros no fundo do mar, cheios de *travestilidades*. Contudo, quando colocamos esses tesouros em contato com a rota-migração, eles somem. Durante a viagem, muitos são deixados e eu sou engolido pelo mar. Ficamos apenas com quatro baús, contendo os achados sobre *travestilidades* e migração. (AGNOLETI, 2014; PATRÍCIO, 2008; TEIXEIRA, 2008; VARTABEDIAN, 2014)

Chego ao fundo do oceano e recolho esses baús encontrados. Baús que guardam o segredo almejado desde a aurora dos tempos por gênios/as, sábios/as, alquimistas e conquistadores/as. Mas meu olhar, descoberto por duas únicas frestas, ainda procura disperso, contemplando o que lhe resta. Conheci os tesouros num estranho ritual, revelado a poucos. Hoje, eu posso enfim revelar que essa busca de séculos não foi em vão. E direi os porquês.

Primeiro baú. Mar da BDTD. Dezembro de 2008. Maria Cecília Patrício. Dissertação de mestrado. Fluxos migratórios de travestis brasileiras para a Europa. Espanha. Transnacionalização. Globalização. Construção de identidades. Crivadas de ambiguidades. Um baú que traz os achados de Stuart Hall (2001, 2003) quando trata de identificação, fazendo parte de um “complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2001, p. 67) – a globalização, enquanto condição que as



atrai para o novo, para uma nova situação de vida, de espaço e de comportamento localizado em uma situação diaspórica. (HALL, 2003 apud PATRÍCIO, 2008) Identidades estabelecidas no movimento. Nos fluxos. Defende aqui um conceito: migração de trânsito. Ser brasileira lá e europeia aqui: nacionalidades ambíguas num *habitus* travesti, segundo um pertencimento ao próprio processo de fluxo de pessoas no mundo. Mundo social dentro do corpo. (BOURDIEU, 1994) “É através da mobilidade na migração entre nações que as travestis alcançam o mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida”. (PATRÍCIO, 2008, p. 139-140)

Segundo baú. Mar da SciELO. Julho-dezembro de 2008. *Cadernos Pagu*. Flávia do Bonsucesso Teixeira. Dossiê Gênero e Tráfico de Pessoas. É verão e elas chegam pelo mar. O sonho do deslocamento entre Brasil-Europa: forma recorrente na bibliografia sobre a temática travesti. Revisão histórica dos cenários da prostituição como significativos espaços de sociabilidades no campo de diferentes pesquisadores que se aventuraram a investigar o cotidiano das travestis. “Primeiro vem o peito, a Itália vem depois... Essa saída das travestis para a Itália e as condições para a permanência nos primeiros tempos se estabelece por acionamento de redes informais de amizade, gênero e parentesco”. (TEIXEIRA, 2008, p. 285-286) Essa constituição de redes, marcada pelo gênero e por laços de amizade, guarda semelhanças com as redes acionadas por outros migrantes em busca de outra vida em outro lugar. Entretanto, evidencia que todas essas semelhanças não ofuscam as heterogeneidades. Estas nos ajudam a pensar que, em processos migratórios, as travestis vivem uma situação de dupla ilegalidade: outro nome, outro país.

Terceiro baú. Mar da SciELO. Janeiro-junho de 2014. *Cadernos Pagu*. Artigo em espanhol. Julieta Vartabedian. Processos transmigratórios na construção das identidades de gênero das travestis. Uma escolha conceitual. Transmigração. “[...] trânsitos constantes, corporais e geográfico-espaciais, que as travestis agem para construir seu lugar no mundo”³. (VARTABEDIAN, 2014, p. 277, tradução nossa) Uma viagem migratória que era simultaneamente corporal e espacial, pois, ao transitar em diversos destinos da Europa, iam transformando e embelezando seus corpos num desejo de ser como “*bellas mujeres*”. (VARTABEDIAN, 2014, p. 278) Mostra-nos, também, uma migração realizada por outros elementos, para além dos econômicos. Há outras motivações. São vários outros escapes. Um estudo rico que nos faz enxergar a migração como elemento fundamental do processo de

³ No original: “[...] constantes trânsitos, corporales y geográfico-espaciales, que las travestis accionan para construir su lugar en el mundo”.



construção das *travestilidades*. São, assim, “desplazamientos espaciales [...] también tránsitos por los límites de un territorio corporal”. (VARTABEDIAN, 2014, p. 284)

Quarto. Último baú. Mar da Capes. Ano 2014. Michelle Barbosa Agnoleti. Tese de doutorado. Aspectos sociais e implicações jurídicas do trânsito de travestis paraibanas para a Itália. Migrar. Novamente, para Europa. Oito paraibanas que se reformulam subjetiva e socialmente no deslocamento entre as fronteiras de um mundo cada vez mais globalizado, entre corpos cada vez mais plásticos e gêneros cada vez mais fluídos. Pensar, aqui, que “fronteiras são feitas para dividir e separar, mas é preciso lembrar que elas também são locais de relação ou de encontro”. (AGNOLETI, 2014, p. 55) Caminha, mas também se afasta, em pensar sobre tráfico de pessoas nas migrações de travestis.

Acho que no caso de nós, travestis, não existe tráfico, não, porque travesti não é estúpido, travesti não é burro, travesti é muito do inteligente. Travesti é um enrolão danado. Se tem uma coisa que nunca ouvi dizer é que tem travesti burro e inocente. (Minerva em entrevista à AGNOLETI, 2014, p. 74)

Baús explorados. Carregamos em nós um baú de experiências. Um mundo de sentimentos. Um universo de possibilidades. E, nessas possibilidades que cada baú nos apresenta, colhemos pérolas de textos, autores/as, cartas e outras coisas que nos marcaram e, de vez em quando, iremos visitar para sermos transportados a outro lugar. Ou a lugar nenhum. Migramos, sim, entre os mares. Entre as palavras. E, entre tantos tesouros enterrados, percebemos que há lacunas e inúmeras possibilidades de revivescer *travestilidades* em trânsito. Referenciá-las, quem sabe, pelos discursos étnicos nesses fluxos migratórios. Entender a *travestilidade* para além do conceito de identidade de gênero e, por que não, numa construção étnica? Caberá a nós, portanto, perceber como suas identidades são (des)construídas nesses trânsitos (des)contínuos. Aqui, então, seria talvez outra viagem.

3. Terceira parada: nossa ave arribada

Refletindo, então, essa migração com travestis, vemos que a transfobia institucionalizada nas relações cotidianas forma a base para as diversas migrações vividas, tanto no Brasil quanto no exterior. Ressalta-se aqui como as relações de poder baseadas nas identidades de gênero e na sexualidade impactam no campo da imigração. Podemos, talvez, pensar que a não inteligibilidade dos corpos subversivos leva de fato a um exílio, a uma exclusão do meio social. “Se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de



certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras.” (BUTLER, 2003, p. 63)

Mesmo em contextos marcados por exploração e discriminação, há numerosos casos de pessoas em mobilidade que, recorrendo a sólidas redes étnicas, recuperando recursos culturais das cidades de origem, aproveitando as oportunidades oferecidas por diversificadas conjunturas, conseguem trajetórias biográficas exitosas para si, seus familiares e as sociedades de destino. Essas experiências atestam as potencialidades da *agency* dos migrantes e apontam para a necessidade de contrarreformas que garantam e ampliem os direitos de todos/as de modo a valorizar, inclusive, suas habilidades, vivências e identidades de gênero. Ouvi histórias e, como pesquisador, quis transformá-las em páginas de vida, de cores e sabores. Marquei, com elas, novos encontros.

Aproveitei o aniversário de Tieta, onde todas estariam, para falar um pouco de minha proposta de trabalho. Desejo de compreender e percorrer os caminhos migratórios e os contatos criados por cada uma para serem incluídas e, às vezes, excluídas do capital simbólico de serem conquistenses. Contudo, nem sempre o que desejamos está em nosso alcance. O campo, nesses primeiros contatos, nos permite conhecer de perto as fragilidades que qualquer pesquisa, seja ela acadêmica ou não, pode nos oferecer: apenas uma delas se dispôs a participar da pesquisa.

Repensamos as estratégias e a proposta inicial de trabalho, haja vista que qualquer processo qualitativo de pesquisa estará sujeito a mudanças de acordo com o que emerge do campo, o que de fato ocorreu. Nesse caminhar por novas rotas, uma companhia. Um áudio de WhatsApp. Quase cinco minutos, com voz bêbada, na mesma noite daquele domingo em que eu recebi tantos não, veio um sim. O caminho fácil não tem luz no fim do túnel, nem túnel. Ele deixa você ir à velocidade que quiser. Faz você seguir traçados quaisquer. Tem abrigos para fugir do sol e da chuva. Não tem pedras, nem tem espinhos. Quando você começa sentir que a viagem está longa, ou mesmo quando pensa que está chegando em algum lugar, ele te dá novos caminhos. E esse agora, que eu seguirei. Com carão, de carona, com Tieta.

A Tieta-adolescente que é escorraçada da pequena cidade de Quixadá/CE, no Nordeste brasileiro, pela mãe, irritada com seu comportamento transgressor e pelo envolvimento com o pároco da Igrejinha de Jesus, Maria e José. A Tieta-jovem que foge do conservadorismo e começa a se prostituir. A Tieta-adulta que migra por tantos cantos desse país. E a Tieta de hoje, que se estabelece na cidade de Vitória da Conquista e constrói relações com tanta gente. É essa a nossa história. Escrita por mim, por Tieta, por outras mãos, vozes e cantos que encontraremos



nessas tantas encruzilhadas. Da escrita. Dos conceitos. Dos gêneros. Das identidades. Das etnicidades. Da vida.

Sou do Ceará, porque eu nasci lá. Mas sou um pouco desse Brasil. Já passei em tantos lugares e, com certeza, cada pedacinho desses que passei deve ter me ensinado alguma coisa. Tanta rola que chupei, tanto cu que comi, nada é igual. Cada um tem seu borogodó... Agora tem um pedaço bem grande da Bahia no meu coração. Foi aqui que me senti mais em casa. Tenho até casa própria e título de eleitor. Sou uma cearense-baiana ou uma baiana que veio do Ceará? Quem sabe, só sei que sou uma misturada doida... Tem tanto esperma dentro de mim que nem sei dizer se sou só uma coisa ou outra... Sou de tudo um pouco e tenho um pouco de cada homem desse mundo dentro de mim. Uma coisa eu sei. Sou travesti! (Tieta)

Nessa caminhada com Tieta, fiz deslocamentos vários. Tu me encontraste de mãos vazias. Eu te encontrei na contramão. Na hora exata, na encruzilhada. Fui percebendo que as fronteiras traçadas entre ser masculino e ser feminino são mais porosas e penetráveis do que nos fizeram crer. Centros sempre tiveram suas periferias, e as periferias, por sua vez, sempre tiveram seus centros. Foram as ideias dessas periferias centrais que me impressionaram, pois foram suficientemente potentes para se transformarem em textos e viajarem. E, nessa viagem, há os/as que escapam, que fogem.

São essas fugitivas e esses fugitivos aqueles sujeitos das periferias centrais. Aquelas pessoas cujas subjetividades foram marcadas pela depreciação de sua cor, pela patologização de seus desejos, pela depreciação da sua ciência pouco ortodoxa. É esse rebuliço que me interessa. Por seu potencial político, essas pessoas me interessam. “É necessário abrir a caixa-preta dos processos de construção do gênero e da sexualidade que, se são construídos, podem ser desconstruídos, reconstruídos, manipulados, transformados etc.”. (PRECIADO, 2014, p. 4)

Tieta é a sereia em seu movimento de mutação, de metamorfose, de trans-fazimento de uma realidade que a limitava para alcançar outra mais em conta no que dizia respeito a seu desejo aqui e agora. É de se pagar promessas para o bem-querer. Assim como a Pequena Sereia do conto de Hans Christian Andersen (2011) perde a cauda para ganhar pernas, do mesmo modo Tieta perde as suas pernas para ganhar as asas que lhe permitirão o voo:

[...] já morei em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na capital, em quase todos os interiores de São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul. Já fui para Santa Catarina. Já rodei tanto, fia. Conheci muita gente. Gente boa e gente ruim. Uma



experiência de vida. Mudar de ar, de grupo, juntar com os outros. Agora, tô aqui, em Conquista. Só esperando a hora de bater minhas asinhas. Só engordando para ir pro matadouro. (Tieta)

Sobre isso e tantas outras curiosidades, eu escolhi esse caminho: ouvir tramas e contar histórias. E, no ouvir das narrativas de Tieta, reconhecer na *travestilidade* a possibilidade de um grupo étnico. Para isso, uma questão investigativa norteou esta aventura: quais ressignificações, na tessitura dos fluxos migratórios e nas relações interpessoais vividas por Tieta, nos possibilitam compreender a migração como um ato de res(ex)istência, num

[...] “emaranhado” de linhas, de trajetórias, que são vividas e caminhadas em conjunto, produzindo um emaranhado, um novelo de trajetórias autorreferidas. Esses caminhos emaranhados produzem algo como as ontologias, que são fruto do compartilhamento de perspectivas ao longo do caminho. Esses emaranhados são condensações de perspectivas dentro de emaranhados maiores, dentro ainda de outros emaranhados, numa espécie de fractalismo tecelar. Emaranhados dentro de emaranhados dentro de emaranhados. Cada concentração corresponde a precipitações que poderíamos chamar de diferencialidades: modos compartilhados de experimentar, ver, pensar e sentir o mundo. Nesse sentido, os emaranhados são totalidades, mas um tipo de totalidade que se tem com um novelo: basta puxar o fio para desmontá-la e reembaralhá-la em novos emaranhados. (MACHADO, 2013, p. 153)

Então, entramos nesse emaranhado. Com Tieta e suas histórias. Pensar a migração a partir do deslocamento realizado por uma travesti cearense para cidade de Vitória da Conquista. Compreender os laços construídos entre as cidades e os impactos desses deslocamentos nas relações com os familiares, com a cidade de origem, com o universo das travestis e, particularmente, nas definições de contornos sobre o ser conquistense. “É através da mobilidade na migração entre lugares que as travestis alcançam o mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida”. (PATRÍCIO, 2008, p. 139-140)

Assim como relatado em outros trabalhos sobre migração, em que as travestis compartilham a experiência desalentadora do início, a chegada no local de destino se revelou assustadora para nossa pesquisada. Marcadas pela dificuldade com o encontro de novas amizades, o clima, as diferenças na negociação durante o estabelecimento do contrato com o cliente e o receio de não conseguir pagar a dívida contraída ao migrar. No entanto, diferentemente de outros trabalhadores, que demandam um tempo maior para realizar os primeiros projetos de migração – por exemplo, a aquisição de casa própria no local de origem –, Tieta alcançou (ou considera ser possível atingir)



esse objetivo. Mostra-nos, também, uma migração realizada por outros elementos, para além dos econômicos. Há outras motivações. São vários outros escapes. Um estudo rico que nos faz enxergar a migração como um elemento fundamental do processo de construção das *travestilidades*. São, assim, “desplazamientos espaciales [...] también tránsitos por los límites de un territorio corporal”. (VARTABEDIAN, 2014, p. 284)

Saí da Galinha Choca com 13 para 14 anos. Me assumi com 12 anos. O padre me comeu e aí minha mãe não aceitou porque ele me chupou no pescoço, sabe aquele chupão assim, chupou todinho, menina. A história foi assim... Minha mãe me deu uma blusa no Natal. Lembro como hoje: uma blusa verde-limão. Verde-limão, não, verde-lodo. E ela era assim de manga. E eu não tirava essa blusa, por nada. No dia que ela mandou eu tirar essa blusa e me viu sem blusa, ela viu o chupão, pense... O cabo de vassoura cantou nas minhas costas. E aí eu tive que falar... Foi o padre. E olha que eu estava fazendo o catecismo, e nas horas vagas eu aproveitava para aquendar o padre, fazer uma gulosa. Ela então me botou para fora de casa e disse que ia denunciar o padre na delegacia, pois eu era uma criança, né? Liguei o pisca-alerta e saí correndo. Aí eu corri até ele e falei: “Ó, minha mãe deu parte de você porque você me abusou e eu sou de menor”. Ele me deu um monte de dinheiro. Na época, eu acho que foi mil cruzeiros, e me deu carona até a saída de Quixadá. Me piquei. Conheci uma bicha e fiquei num cabaré. Com o dinheiro da igreja, me joguei na pista. Nesses locais que passei, conheci um grupo de montadas, travas e operadas, que me ensinaram os truques e me fizeram travesti. (Tieta)

Uma perspectiva que nos faz pensar os exercícios de *biografização* dessas travestis (grande parte, migrantes) como espaços de visibilidade e legitimação dos seus testemunhos. Esses exercícios fazem com que a “investigação produtora de relatos biográficos – frequentemente inaugurais ou longamente silenciados pelos próprios sujeitos e sociedades – se reconheça a si própria como terreno de emergência de identidades, identificações, novas histórias de relações sociais”. (LECHNER, 2009, p. 44) O que podemos dizer até aqui, com tantas histórias ouvidas e alegremente contadas por Tieta e dialogadas com as minhas, é que, quando recorremos aos emaranhados, resta sempre algo de parentesco, agenciando a experiência dos/as sujeitos/as.

Comida, palavras, imagens, corpos. Todos/as eles/elas remetem à produção de identidades a partir de alguma identificação, afinal “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana”. (SAID, 2003, p. 56) E o caminho – até aqui – é fruto desse exílio como articulador da diferencialidade (MACHADO, 2013) e na perspectiva de que nossas pátrias são sempre provisórias, pois estamos “atravessando fronteiras, rompendo barreiras do pensamento e da experiência”. (SAID, 2003, p. 57) Não vêes que somos migrantes de nossas próprias



identidades? E tu me perguntas: o que é migrar? Eu respondo com uma palavra: avançar! Experimentais isto em ti, que nunca te satisfaças com aquilo que és, para que sejas um dia aquilo que ainda não és. Avançar sempre! Não fiques parado/a no caminho. Afinal, migrar é “a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente”. (SAID, 2003, p. 60)

4. Quarta parada: novos e possíveis voos

Nossa pesquisa, nesse aspecto, tentou ser um convite a pensar sobre as semelhanças e as singularidades que organizam os projetos migratórios das travestis. Ao compartilharmos algumas das especificidades desse universo, cujo marco parece ser a experiência da (re)invenção do corpo, percebemos que os deslocamentos não se restringem ao corpo: as relações sociais são (re)configuradas e forçam o alargamento de conceitos como ajuda e família. Esperamos que as imagens negociadas, (con)sentidas, produzam um diálogo sobre migração, sem o compromisso de reproduzir uma verdade sobre todas as experiências das travestis brasileiras, mas com a potência para desestabilizar algumas certezas produzidas e veiculadas sobre a migração das travestis brasileiras, somente atreladas ao tráfico e à exploração.

Pude, nesse encontro, perceber o quanto a migração é capaz de criar estratégias para sincretizar alteridades, produzir redes de colaboração e solidariedade e, enfim, construir formas de resistência e liberdade. É uma vida coletiva com mais conexões e cooperação. “É conjunto de outras vozes e narrativas dissoantes, enunciadas por mulheres, pelos loucos, pelos colonizados, pelos traços, incluindo aqueles que portam sexualidades e comportamentos constantemente policiados”. (WALDELY et al., 2015, p. 244)

Afinal, não é algo fácil estar num lugar diferente. Deslocamentos operam desestabilizações. A fuga, a saída, o deslocamento em si, e mesmo a chegada, são movimentos que rompem estruturas e dialogam com relações de poder, num exercício de poder-saber e de produção de verdades sobre o que são imigrantes. Passei por isso ao chegar nessas inúmeras cidades. Mesmo chegando com um objetivo a ser realizado, com encontros agendados, organização de hospedagem e alimentação, eu me sentia num entrelugar, me fazendo e me formando nas fronteiras e na itinerância.

Vidas em migração e na subalternidade ou experiências de viver no exílio geram uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para narrativas recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento. Mas há também um olhar



de destaque a tantos nós que, retomando a reivindicação de Spivak (1994), temos a necessidade de escrever histórias alternativas com a contribuição dos grupos não hegemônicos. Voz e visibilidade aos/às subalternos/as. Produzir liberdade, justiça e direitos. E ser como Tieta, ‘flor e ave e estrela e Universo’.

Referências

- ANDERSEN, H. C. *A Pequena Sereia*. São Paulo: Editora SM, 2011.
- AGNOLETI, M. B. *A transmigração no espaço, no corpo e na subjetividade: deslocamentos de fronteiras na experiência de travestis paraibanas na Itália*. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LECHNER, E. Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 85, p. 43-64, 2009.
- MACHADO, I. J. R. Parentesco e diferencialidades: alternativas à identidade e às fronteiras étnicas no estudo das migrações. In: FELDMAN-BIANCO, B. *Desafios da antropologia brasileira*. Brasília: ABA, 2013. p. 153-173.
- PATRÍCIO, M. C. *No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1994.
- TEIXEIRA, F. B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, p. 275-308, 2008.
- TEIXEIRA, M. A. A. Metronormatividades nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan.-jun. 2005.
- VARTABEDIAN, J. Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 275-312, 2014.
- WALDELY, A. B.; SOUZA, F. T.; THEUBET, M. L. R. M.; TAVARES, N. C. O.; NEPOMUCENO, R. B. Migração como crime, êxodo como liberdade. *Revista Interdisciplinar Mobilidade Urbana*, Brasília, ano 23, n. 45, p. 235-247, jul.-dez. 2015.

